

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 630

Data: 23.05.81

Pg.: \_\_\_\_\_

190 **O desprezo dos índios de Miraguaí, para o coronel da Funai**

De LUIZ ALBERTO SCOTTO (textos) e ARIVALDO CHAVES (fotos), enviados especiais

Não eram nem seis horas quando o índio Longotê saiu para levar um tiro na canela. Suas intenções não eram tão dramáticas — ia apenas participar de uma reunião dos caingangues — e, no entanto, acabou se envolvendo no seqüestro do coronel Anael Lemos Gonçalves, assessor da presidência da Funai em Brasília. Quando chegou na casa do cacique, mais 300 índios já estavam por lá. Esperavam até o final da manhã e resolveram buscar o coronel Anael à força para que resolvesse o problema: os agricultores arrendaram, dos índios, terras da reserva de Guarita e agora, na hora da colheita, a Funai resolvevia confiscar 30% da produção.

— O acerto foi entre nós e os brancos, a Funai não tem nada a ver com o assunto. Eles nos abandonaram faz anos. A gente acertou com os brancos e tudo estava bem certinho, agora eles querem explorar todo mundo. Por quê? Podem me encher de balaço, se o cacique mandar contra, eu sou contra, diz o índio e Hélio Alves Longotê, em Caingangue.

O desprezo dos índios e agricultores que plantam na reserva da Guarita, nos municípios de Miraguaí, Tenente Portela e Redentora, foi canalizado para a figura do coronel Anael Lemos Gonçalves desde o dia em que ele chegou — na semana retrasada — e anunciou que 30% da produção seria destinada para a Funai. O Coronel exigia isso, mas nunca revelou o porquê desta decisão para ninguém (para a imprensa, ele só dá entrevistas em Brasília). Na opinião dos índios e agricultores, a Funai não passa de um órgão oportunista que resolveu se beneficiar das 200 mil sacas de milho e 500 mil de soja que serão colhidas nesta safra dentro da reserva.

Para fazer cumprir sua determinação, o coronel Anael chamou a Polícia Federal que imediatamente começou a apreender as máquinas automatizadas e tratores dos agricultores, que trabalhavam as terras da reserva indígena. E mais: interditaram toda a reserva e o coronel, num momento de irritação, chegou a expulsar verbalmente da reserva o cacique dos caingangues e mais dois de seus assessores diretos. É claro que a ordem não foi obedecida e só serviu para revoltar ainda mais os índios e colonos. No dia que o índio Longotê levou o tiro de raspão na canela, uma chacina foi evitada por puro acaso. Naquele dia, os índios resolveram trazer o coronel Anael para a reunião, com toda a tribo caingangue, de qualquer maneira. Quando vinham, de caminhão, com o coronel, encontraram-se com um fuzil e uma veraneio da Polícia Federal. Os federais cortaram a frente do caminhão e exigiram a libertação imediata do militar. Os índios não aceitaram as ordens e foram para cima dos agentes.

— Olha, foi um negócio incrível. Os índios diziam: "Mata índio, depois índio mata vocês". A gente deu uns tiros, tentou assustar. Mas eles batiam no peito e atiravam pedras.

Esta declaração de um agente federal é a mesma história contada pelos índios. Acabou que o Coronel resolveu seguir com os índios, depois que um agente foi atingido com uma pedrada e sua arma foi parar nas mãos do cacique Caingangue. O homem da Funai parti-

cipou da reunião com os índios, mas continuou firme na sua posição: 30% para a Funai de toda a produção dos brancos, na reserva. Na saída, o coronel Anael foi agredido por três índias, mas foi socorrido a tempo pelos próprios índios.

Depois disso, o governador Amaral de Souza mandou para a região o chefe da Casa Militar, coronel Luis Diógenes Chaves Couto, com a posição do Ministro do Interior, com a posição do Presidente da Funai, todos contrários ao confisco de 30% da produção agrícola da reserva. Pois não é que mesmo assim foi difícil convencer o coronel Anael. Depois de uma reunião de duas horas entre os dois, nada ficou decidido. Somente na noite de quarta-feira, 18, depois de um encontro do coronel Anael Gonçalves com os agricultores da região, a situação ficava definida: não haveria mais o confisco por parte da Funai. Mas esta resolução saiu depois que este Coronel ouviu palavras, como estas, dos agricultores:

— Pois, olha, seu funcionário da Funai: eu nunca perdi suor meu.

Tenho uma plantinha aí na área e vou colher. E tem mais uma, já vou avisar todo mundo por aqui: se houver algum tiroteio aí pela área, pode saber que sou eu morrendo peleando.

Os agricultores que plantam na-

quela região estavam levando medo que a posição do Coronel fosse mantida pela Funai. Isso porque, em 1975, a Funai suspendeu todos os "contratos" de arrendamentos que tinha com os "portugueses" e ficou proibida a planta para os intrusos da reserva. Há três anos, o mesmo tipo de arrendamento vem sendo feito, mas com uma diferença: não existe intermediário. O índio arrenda diretamente para o branco, em contratos verbais ou, simplesmente, constando que fulano de tal arrenda, determinada área, para beltrano. Nesse negócio, durante estes últimos anos a Funai tem ficado de lado, agora é que voltou a querer participar.

Atualmente, cerca de 400 famílias brancas — ou de "portugueses" como dizem — vivem da planta na área indígena. O coronel Anael prometeu que, para o próximo ano, nenhum branco entra na reserva. Os agricultores dizem que isso significa a falência do município e o fim dos índios. Mas são preocupações futuras. Inicialmente, é preciso cuidar, ver, que dia o Coronel vai voltar a Brasília. E ver também que dia os agentes da Polícia Federal e os do IBDF vão deixar de controlar a retirada de madeira da reserva de Guarita.

Afinal, todos esperam que as coisas voltem ao "normal" e o índio Longotê diz que já está pronto para outra.



A calma — pelo menos aparentemente — voltou a Miraguaí.